



**Comité Latino Americano de Asuntos Financieros
Latin American Shadow Financial Regulatory Committee
Comitê Latino Americano de Assuntos Financeiros**

**Declaração 39
Washington, DC, 10 de julho de 2018**

A Ameaça Protecionista de Trump para a América Latina

Os impactos econômicos da disputa de Donald Trump com a China até agora são limitados, mas os países da América Latina já começaram a pagar um preço inicial. Para a região, em que muitos países já estão afetados por posições fiscais enfraquecidas, a incerteza adicional causada pelo crescente protecionismo já é especialmente mal vinda.

A despeito de muitas [previsões desastrosas](#), a disputa comercial em andamento entre os Estados Unidos e a China não resultou num arrefecimento da economia global. Com a Coreia do Sul, Brasil, Austrália e Argentina [permanentemente isentas](#) das tarifas norte americanas sobre o aço e o alumínio, e com certas medidas incidindo apenas para [bens finais e produtos primários](#), o impacto das crescentes tensões comerciais Sino-Americanas até agora foram limitadas.

Mas isso não significa concluir que a inclinação para o protecionismo tenha sido inócua. Pelo contrário, a postura do Presidente dos Estados Unidos Donald Trump aumentou a incerteza econômica, contribuiu para [correções no mercado de ações](#) e adicionou [volatilidade ao mercado de capitais](#). Para países da América Latina, em particular, esse e outros perigos estão alimentando preocupações de que dores econômicas mais severas estão a caminho.

Da Argentina para o México, a ameaça de uma guerra comercial entre as duas maiores economias do mundo aumentou os prêmios de risco e causou [declínios mensuráveis no investimento](#). Os aumentos previstos dos juros nos Estados Unidos estão também aumentando a incerteza na América Latina, onde países com grandes necessidades de empréstimos se encontram especialmente vulneráveis para problemas nos mercados de capitais.

Muito embora a disputa de comércio entre os Estados Unidos e a China não tenha afetado significativamente o seu respectivo crescimento econômico, caso qualquer uma dessas economias diminua seu ritmo de crescimento, as economias latino americanas irão inevitavelmente sofrer perdas. O dano colateral incluiria queda nos preços das *commodities*, redução na demanda agregada, diminuição de entradas de capitais e pressão fiscal.

Para economias já pressionadas por posições fiscais enfraquecidas, as reviravoltas no comércio internacional seriam custosas. No Brasil, por exemplo, a razão dívida/PIB alcança mais de 80%, e o peso das dívidas está também crescendo na Colômbia, México e Uruguai. A Argentina sofre com um elevado déficit fiscal, enquanto que a maior fonte de vulnerabilidade do Chile se encontra na crescente dívida externa do setor privado.

A dificuldade do México é adicionalmente amplificada pelo futuro incerto do [*North American Free Trade Agreement \(NAFTA\)*](#). O caso mexicano é ilustrativo para demonstrar como ameaças prolongadas sobre comércio externo, mesmo que não se realizem, afetam fluxos de capitais, taxas de câmbio, inflação, taxa de juros, e, no final das contas, a atividade econômica.

Na verdade, o impacto do protecionismo comercial dos Estados Unidos irá repercutir muito além da América Latina. Num mundo que já está altamente integrado financeiramente, e sensível para episódios de volatilidade, o enfraquecimento do multilateralismo irá reduzir a habilidade das instituições globais – tais como a *World Trade Organization* e o *International Monetary Fund* – para mediar disputas.

Ademais, os riscos financeiros associados com os Estados Unidos servindo como o maior provedor de moeda global não podem ser ignorados. Caso as disputas comerciais reduzam a confiança no dólar, muitas economias irão pagar um pesado preço.

As economias latino americanas – que se beneficiaram bastante com a expansão comercial com os Estados Unidos e a China – ainda poderão perder mais do que outras partes do mundo. Por exemplo, uma das maiores incógnitas da região é como a retração norte americana dos compromissos multilaterais vai afetar a capacidade do FMI para responder a futuros problemas nos mercados de capitais da região. No passado, os Estados Unidos lideraram os esforços do FMI para lidar com as crises financeiras nos mercados emergentes. Com os Estados Unidos [*sinalizando que abandonarão esse papel*](#), fica duvidosa a habilidade do FMI para poder dar respostas efetivas.

Para os países da América Latina, essa preocupação não é hipotética. A assistência financeira e técnica para a região nas décadas de 1990 e 2000 foi [*crítica para sua recuperação*](#) da década perdida dos 1980s. Hoje em dia, com muitas economias latino americanas crescentemente vulneráveis a choques externos, é razoável pensar que a assistência do FMI seria novamente necessária. A Argentina pode ser um caso em ponto.

Em outras palavras, com a escalada dos conflitos comerciais, taxas de juros internacionais subindo, e as redes de proteção dos Estados Unidos se enfraquecendo, uma tempestade perfeita se forma no horizonte da América Latina. Se a região quiser escapar desse destino, duas correções de curso são urgentemente necessárias. Primeiro, o governo precisa consolidar suas posições fiscais a fim de reduzir o déficit de transações correntes e diminuir a dívida externa. E, em segundo lugar, o FMI – com ou sem a liderança dos Estados Unidos – precisa fortalecer seus instrumentos e políticas a fim de enfrentar as futuras crises financeiras nos mercados emergentes.

A ameaça de uma Guerra comercial aberta entre Estados Unidos e China mostrou sinais de enfraquecimento em maio, quando os dois lados conduziram conversas e [concordaram com uma negociação](#) que reduziria seu multibilionário desequilíbrio comercial em dólares. Todavia, os detalhes de tal acordo ficaram pouco transparentes, e menos de dois meses mais tarde, as tarifas norte americanas incidindo nos bens chineses, avaliadas em US\$ 34 bilhões, tornaram-se vigentes. Como resposta, a China anunciou imediatamente a adoção de tarifas retaliatórias. Para os países afetados por esse fogo cruzado, e com incertezas nublando o futuro do comércio global, a melhor esperança é se preparar para qualquer eventualidade.

Este ensaio foi inicialmente publicado pelo *Project Syndicate* em www.project-syndicate.org.

Essa Declaração no. 39 foi escrita em conjunto por:

Laura Alfaro, Warren Alpert Professor of Business Administration, Harvard Business School; former Minister of Planning and Economic Policy, Costa Rica.

Guillermo Calvo, Professor, University of Columbia; former Chief Economist, Inter-American Development Bank

Roque Fernandez, Economics Professor, UCEMA University; former Minister of Finance, Argentina

Pablo Guidotti, Professor of the Government School, University of Torcuato di Tella; former Vice minister of Economy, Argentina

Guillermo Perry, Non-resident Fellow, Center for Global Development; professor, University of the Andes; former Minister of Finance, Colombia

Liliana Rojas-Suarez, president, CLAAF; Senior Fellow and Director of the Latin American Initiative, Center for Global Development; former Chief Economist for Latin America, Deutsche Bank

Ernesto Talvi, Director, Brookings Global-CERES Economic & Social Policy in Latin America Initiative, Brookings; Academic Director CERES; former Chief Economist, Central Bank of Uruguay

O Comitê Latino Americano de Assuntos Financeiros agradece ao suporte financeiro concedido pelo Center for Global Development (CGD), o Banco de la Ciudad de Buenos Aires, o Fondo Latinoamericano de Reservas (FLAR) e o Banco Central do Chile para financiar suas atividades. O Comitê é completamente independente e autônomo na publicação das suas declarações.